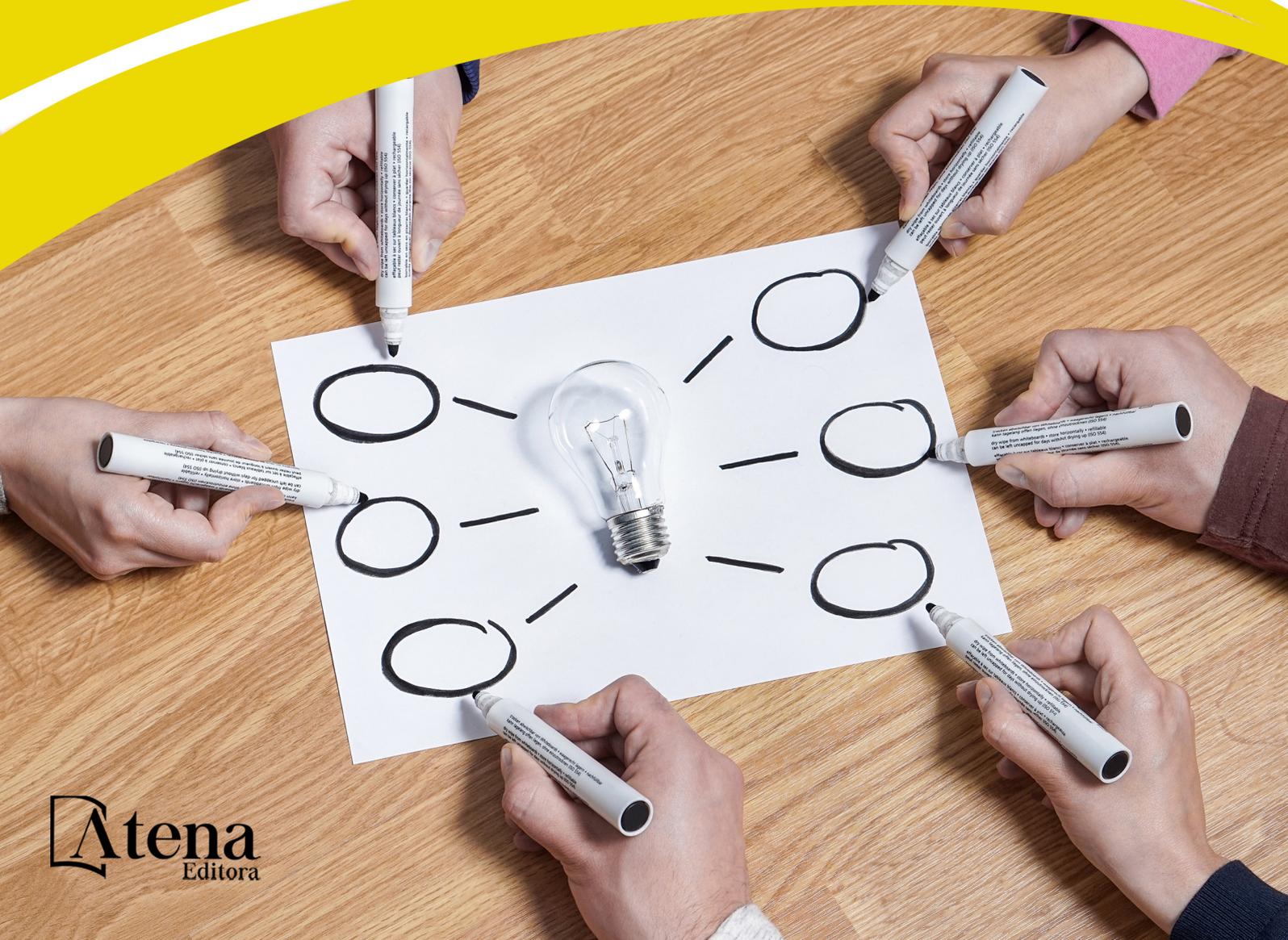


Natália Lampert Batista  
Tascieli Feltrin  
Maurício Rizzatti  
(Organizadores)

# Formação, Prática e Pesquisa em Educação 2



**Natália Lampert Batista**  
**Tascieli Feltrin**  
**Maurício Rizzatti**  
(Organizadores)

# **Formação, Prática e Pesquisa em Educação 2**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F723	Formação, prática e pesquisa em educação 2 [recurso eletrônico] / Organizadores Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Maurício Rizzatti. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Formação, Prática e Pesquisa em Educação; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-591-4 DOI 10.22533/at.ed.914190309  1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Batista, Natália Lampert. II. Feltrin, Tascieli. III. Rizzatti, Maurício. IV. Série.  CDD 370.71
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Pensar a formação docente, as práticas pedagógicas e a pesquisa em educação emergem como tema central da Coletânea “Formação, Práticas e Pesquisa em Educação”, apresentada em três volumes. O volume dois, aqui exposto, destacou, sobretudo, capítulos que versam sobre o eixo práticas educativas. No volume um se destacam as formações pedagógicas e no volume três predomina o eixo pesquisas em educação.

Convidamos a todos a conhecerem os artigos enviados para o portfólio:

No capítulo “GER: Grupo de Estudos em Robótica, multiplicando conhecimentos nas escolas estaduais de Porto Alegre”, Mara Rosane Noble Tavares, Ana Elisabeth Bohm Agostini e Luís Arnaldo Rigo, apresentam uma experiência pedagógica, oferecendo elementos para a compreensão, resolução de problemas e produção de objetos tangíveis, representativos da aprendizagem, como no caso específico, os robôs. Já a Maria de Lourdes da Silva com o capítulo intitulado “práticas educativas sobre medicamentos, álcool e outras drogas nos materiais paradidáticos” tem por objetivo analisar o material didático e paradidático produzido para o ensino básico nas últimas décadas no Brasil para observar a tipologia de questionamentos e problematizações contempladas neste material.

Em “Avaliação diagnóstica em escolas Indígenas: a aprendizagem da escrita em língua Kaingang nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, Maria Christine Berdusco Menezes, Maria Simone Jacomini Novak e Rosangela Celia Faustino, relatam a avaliação diagnóstica na Educação Escolar Indígena como elemento que propicia ao professor, o acompanhamento permanente e a intensificação das estratégias interculturais de ensino, potencializando a aprendizagem escolar de crianças indígenas. Por sua vez, Hans Gert Rottmann, com trabalho “Educação Física: repensando as práticas pedagógicas em torno do esporte”, buscando analisar questões que tratam sobre o desenvolvimento do esporte nas aulas de educação física, e propor práticas pedagógicas e ações que possam estar vinculadas ao processo formativo e educacional dos alunos.

No artigo “e se a compreensão habitar as nossas responsabilidades? Escritas sobre auto-ética e escola em tempos de crise”, de Alan Willian de Jesus, questiona os sentidos e significados da noção ética de responsabilidade temos experienciado na escola atual em meio as normalizações, direitos humanos e a autonomia relativa que estamos imersos.

O capítulo “Inclusão: currículo e práticas pedagógicas”, de autoria de Maria Auxileide da Silva Oliveira e José Jailson de Almeida Júnior, abordam as proposições de uma educação para a diversidade, em uma perspectiva de um currículo e suas práticas pedagógicas voltado para o pós-estruturalismo. Já Larissa da Rocha Silva, Marcos Vinicius dos Santos Porto, Ana Leticia de Oliveira e Fagner Maciel de Moraes, com o capítulo intitulado “Jogo 2D evolução do planeta Terra”, apresentam um jogo

como objeto de aprendizagem, onde permite ao usuário jogar de acordo com o período, permitindo aprender de forma intuitiva o processo de evolução do Planeta Terra.

Já o “ensino de teatro e reinvenções da realidade: notas sobre experiência estética, docência e desenvolvimento humano”, Everton Ribeiro e José Francisco Quaresma Soares da Silva, discutem a vivência e o ensino de teatro na condição de experiência, relatando e fundamentando práticas voltadas para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no âmbito do Instituto Federal do Paraná, enquanto Kelly Cristina Pádua Bruzegueze Miguel e Evani Andreatta Amaral Camargo, com o trabalho “sala de recuperação intensiva: o processo de alfabetização e as implicações da prática avaliativa”, que objetiva-se analisar as relações que possibilitam a apropriação da língua escrita de crianças do 3º ano do Ensino Fundamental de uma sala de recuperação intensiva, que apresentam dificuldades no processo de alfabetização, levando-se em conta as interações com a professora e com os pares, bem como o papel da avaliação nesse processo.

No capítulo “Discutindo o ensino de números complexos com professores e estudantes de matemática”, Cassiano Scott Puhl, Isolda Gianni de Lima e Laurete Zanol Sauer, apresentam uma estratégia didática aplicada a professores e estudantes de Matemática, com o objetivo de propiciar a aprendizagem significativa de números complexos, por meio de um objeto virtual de aprendizagem. Já Carine Aparecida Souza Bastos e Fábio Fernandes Flores apresentam uma discussão sobre “Universidade Aberta à Terceira Idade: um relato de experiência”, em que objetiva-se descrever ações realizadas no programa e suas repercussões na formação acadêmica da autora, durante o período de monitoria, além de delinear as contribuições da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) na vida de seus integrantes.

No texto “infância e cidade: considerações sobre o brincar”, Elis Beatriz de Lima Falcão, Lorrana Neves Nobre e Nayara Santos Firmino, apresentam algumas reflexões acerca do brincar na contemporaneidade e suas relações com a infância e a cidade. Já no capítulo “desenho e escrita como instrumentos de avaliação na experimentação investigativa em um clube de Ciências”, Carlos Jose Trindade da Rocha, João Manoel da Silva Malheiro e Odete Pacubi Baierl Teixeira, fazem uma análise do uso da escrita e desenho infantil como instrumento de avaliação do conhecimento científico desenvolvidos em uma Sequência de Ensino Investigativo (SEI), tendo como campo empírico um Clube de Ciências envolvendo trinta crianças do 5º e 6º ano com vulnerabilidade social.

Jamila Nascimento Pontes e Rafaela da Silva de Lima em “o ensino de Arte no Acre desafios e conquistas”, abordam as diferentes relações, conexões e espaços em que o ensino de Artes se efetiva, sobre tudo no estado do Acre, pois mesmo com a obrigatoriedade da disciplina e oferta de cursos de formação de professores, este ensino ainda está à margem, uma vez que é ministrado por professores sem graduação específica e em espaços inadequados. Em “a Geografia na Educação de

Jovens e Adultos: estudo de caso em uma escola da zona leste de Manaus (AM)”, Jaqueline do Espírito Santo Soares dos Santos e Márcio Silveira Nascimento, buscam compreender os critérios e os recursos utilizados na Geografia para a Educação de Jovens e Adultos e verificar as possíveis formas de avaliação para esse público com o intuito de aproximar suas experiências ao ensino de Geografia.

Em “prática do trabalho interdisciplinar na área de Ciências da Natureza e Matemática na Escola Municipal Nova Canaã, Jacundá-Pará”, Gláucia de Sousa Moreno e Fabrício Araújo Costa, discutem o trabalho pedagógico em escolas do campo a partir de uma perspectiva interdisciplinar, pautada nos princípios pedagógicos freirianos com o intuito de possibilitar reflexões, mudanças pedagógicas, didáticas e curriculares na Escola Municipal Nova Canaã. Já Tania Chalhub, Ricardo Janoario e Gabriel Oliveira da Silva, apresentam materiais didáticos em Libras para a educação de surdos, através do Repositório Digital Huet, que contém textos, vídeos, imagens, simulações, animações, produzidos pela instituição e por outras instituições que trabalham com a temática educação de surdos, no capítulo “repositório de objetos digitais e a práxis pedagógica com alunos surdos”.

Em “tema água em espaços não formais: possibilidades de aprendizagem em Ciências”, Priscila Eduarda D. Morhy, Augusto Fachín Terán e Ana Paula Melo Fonseca, abordam o tema água em espaços não formais como possibilidade de aprendizagem em Ciências, visto que é um recurso natural que tem impacto direto na qualidade e bem-estar do meio ambiente e da vida no planeta Terra. Assim, descrevem as possibilidades de trabalhar o tema água em Espaços Não Formais. O capítulo “a práxis docente e sua importância na elaboração de práticas pedagógicas no ensino da Matemática de forma interdisciplinar”, com autoria de Teane Frota Ribeiro, demonstra as estratégias de aprendizagem, inserindo a matemática de forma interdisciplinar, através de um projeto desenvolvido, de modo a contribuir com resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Mariana de Oliveira Wayhs, Enedina Maria Teixeira da Silva, Fernanda Bertollo Costa e Diego Eduardo Dill, no capítulo “Inatecsocial: a assessoria de comunicação em outra perspectiva” focalizam em uma socialização da tríade comunicação, educação e cidadania, para o fazer do Assessor de Comunicação, que traz novas dimensões para a amplitude e importância do seu papel. No texto “revisão sistemática sobre Sala de Aula Invertida na produção científica indexada ao scopus nos anos de 2016 e 2017”, com autoria de Ernane Rosa Martins e Luís Manuel Borges Gouveia, identificar e caracterizar, por meio de uma revisão sistêmica de literatura, os estudos sobre Sala de Aula Invertida indexados ao Scopus nos anos 2016 e 2017.

No texto “a pesquisa sobre práticas metodológicas inovadoras: base à educação inclusiva”, Maria Aparecida Santana Camargo, Rosane Rodrigues Felix e Ieda Márcia Donati Linck, defendem a ideia de que é fundamental pesquisar a respeito de propostas metodológicas inovadoras para poder melhorar os índices educacionais existentes no país, em especial na Educação de Jovens e Adultos.

Em a “educação em saúde sob a ótica do enfermeiro”, Halana Batistel Barbosa, Marta Angélica Iossi Silva e Franciele Foschiera Camboin, buscaram compreender a percepção de enfermeiros acerca da educação em saúde na atenção básica por meio de um estudo exploratório e qualitativo, do qual participaram 19 enfermeiros, enquanto, Débora da Silva Cardoso e Elcie Salzano Masini, pelo artigo intitulado “aprendizagem significativa na Educação Infantil: o corpo em movimento”, abordam a percepção desde a primeira infância como pressuposto essencial para a aprendizagem significativa da criança no processo de aprendizagem, com passagens de uma experiência vivida em uma escola de educação infantil e a construção de aprendizagens ocorridas em vivências entre professores e alunos.

Maria Aparecida Ferreira de Paiva, Andréia Maria de Oliveira Teixeira, Márcia Regina Corrêa Negrim e Andréa Rizzo dos Santos, autores do capítulo “avaliação escolar dos alunos público alvo da Educação Especial nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, trazem reflexões acerca das concepções envolvidas no processo de escolarização dos alunos público alvo da Educação Especial (PAEE) e de como a avaliação ocorre nas salas de aula, suscitando direcionamentos pedagogicamente possíveis e atrelados à concretização de práticas mediadoras inclusivas e significativas para todos os envolvidos neste processo. Já o capítulo “Educação Especial nas escolas do campo em um município de Mato Grosso do Sul”, com autoria de Rosa Alessandra Rodrigues Corrêa e Andressa Santos Rebelo, apresentam dados qualitativos e quantitativos para caracterizar alguns aspectos da educação especial do campo no município de Corumbá, Mato Grosso do Sul.

Em “a criação de vínculos à mobilização social a partir da práxis comunicativa e educacional”, Fabiane da Silva Veríssimo, Ieda Márcia Donati Linck e Rosane Rodrigues Felix, apresentam a importância da comunicação à educação em projetos de mobilização social, além de descrever o modo com que estratégias de comunicação adotadas em um projeto de pesquisa participante contribuíram para a adesão dos participantes do estudo intitulado ‘Mulheres em situação de violência: práticas dos profissionais em Estratégia Saúde da Família’. João Paulo Vicente da Silva, autor do texto “Educação Física adaptada: um relato sobre a proposta de intervenção pedagógica para alunos com Paralisia Cerebral”, descreve as contribuições sobre a intervenção pedagógica nas aulas de educação física adaptada, realizada com dois estudantes com idade de 14 e 15 anos, ambos diagnosticados com paralisia cerebral e matriculados na rede municipal de educação de Extremoz-RN.

Já no capítulo “a experimentação nos anos iniciais do Ensino Fundamental: percepções de professores que ensinam Ciências”, Antonia Ediele de Freitas Coelho e João Manoel da Silva Malheiro investigaram a concepção de experimentação segundo a percepção de cinco professoras de Ciências dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública de Castanhal-PA. Angela Pereira de Novais Rodrigues e Lilian Giacomini Cruz, autoras do capítulo “a pedagogia histórico-crítica no ensino de Ciências: uma proposta didática para auxiliar no desenvolvimento do

tema ‘ser humano e saúde’”, apresentaram uma proposta didática para trabalhar o tema “Ser Humano e Saúde”, enfatizando a Sexualidade e as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), realizada com alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública estadual do município de Ivinhema - MS.

O texto “Ferramenta web educacional para metodologia de aprendizagem baseada em problemas”, de Filipe Costa Batista Boy, Letícia Silva Garcia e Luís Fernando Fortes Garcia, elaboraram uma revisão de literatura sobre Aprendizagem Baseada em Problemas e pelo desenvolvimento de uma ferramenta web educacional que auxilie o professor na aplicação dessa metodologia em sala de aula. Já em “a dança das borboletas: uma experiência de criação de sentidos na Educação Infantil”, Ana Catharina Urbano Martins de Sousa Bagolan, Sára Maria Pinheiro Peixoto e Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira, desenvolveram sequências didáticas na Educação Infantil para ampliar o repertório de comunicação e expressão cultural das crianças; criar movimentos a partir de observações do voo da borboleta e emitir impressões, sentimentos, conhecimentos sobre a dança.

Kleonara Santos Oliveira, André Lima Coelho, Fausta Porto Couto, Ricardo Franklin de Freitas Mussi, Naiara do Prado Souza, Aparecida de Fátima Castro Brito e Vera Lúcia Rodrigues Fernandes, autores de “jogos digitais na escola regular: desafios e possibilidades para a prática docente”, apresentaram reflexões, a partir das produções acadêmicas acerca dos jogos digitais, quais as possibilidades e desafios para a prática do professor, enquanto instrumento de ensino e aprendizagem no contexto escolar, a partir de uma revisão integrativa da literatura, seguindo uma abordagem qualitativa. O capítulo “a utilização de jogos matemáticos na turma do 5º ano da Escola Municipal Carlos Raimundo Rodrigues no município de Boa Vista”, Elizania de Souza Campos, Sandorlene Oliveira da Cruz, Maria do Carmo dos Santos Teixeira, Rute Costa Lima e Edgar Wallace de Andrade Valente, em que apresentam importância da utilização de jogos matemáticos em sala de aula e, em outro momento, a aplicação de uma atividade (jogo) em uma turma de 5º ano da Escola Municipal e alunos monitores do Ensino Médio.

Ana Carolina Fernandes Gonçalves, autora do capítulo “o ‘jogo da democracia’: transformando a aula em uma experiência”, é o resultado da aplicação de uma ferramenta pedagógica elaborada para criar uma situação de aprendizagem colaborativa e dinâmica do debate como um gênero textual. Com esse intuito, foi desenvolvido um jogo de simulação, fundamentado na dinâmica da democracia de consenso, no qual os participantes precisavam resolver uma situação-problema de caráter econômico, social ou cultural, semelhantes às enfrentadas pelos jovens em sua vida real. Já o texto “a abordagem dos poliedros platônicos nos livros didáticos: uma análise sobre sua potencialidade significativa”, com autoria de Nádja Dornelas Albuquerque, Maria Aparecida da Silva Rufino e José Roberto da Silva, analisaram a potencialidade significativa dos livros didáticos do 6º e/ou 7º ano do Ensino Fundamental, no que se refere a contextualização e informação do tema poliedros

platônicos.

Em “o Ensino da Bioquímica através da composição musical”, Gabriel Soares Pereira visa a elucidação de uma intervenção pedagógica realizada a fim de potencializar a apreensão dos saberes acerca da bioquímica. Já Almir Tavares da Silva, autor de “leitura, pesquisa e encenação: a literatura dramática e seu contexto histórico na sala de aula”, ao desenvolver um trabalho que envolveu a leitura, pesquisa, contextualização histórica de peças teatrais e encenação com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, cujo objetivo foi conhecer a vida e obra dos dramaturgos brasileiros e relacionar os conflitos das personagens com o contexto histórico que o Brasil viveu no século XX.

O texto “a química da água: caso lago da Perucaba”, Fabiana dos Santos Silva, Milka Bruna Santos da Silva, Wanessa Padilha Barbosa Nunes e Silvia Helena Cardoso, apresentam os resultados de uma atividade investigativa tendo como foco a educação ambiental e o ensino de química, para isso foi realizada a análise de alguns parâmetros físico-químicos na água do Lago da Perucaba, localizado na região agreste do estado de Alagoas, para a obtenção de um diagnóstico prévio da qualidade da água, tendo a finalidade de verificar se estes estão de acordo com os padrões estabelecidos pelo CONAMA. Já no artigo “o Pequeno Príncipe em um planeta de múltiplas linguagens”, de Gabriela Huth, Elisandra Dambros e Márcia Rejane Scherer, relatam um projeto desenvolvido por professoras da rede municipal de uma escola urbana de Ijuí, RS, além de trazerem reflexões sobre os desafios e possibilidades presentes na atuação cotidiana destas professoras que, em seu fazer pedagógico, preocupam-se em tornar significativos às crianças os conceitos e conteúdos trabalhados com este grupo dos Anos Iniciais.

O livro do Volume 2 conta com inúmeras práticas educativas na educação infantil, ensino fundamental e médio, além do ensino superior, com relevantes contribuições para a Coletânea “Formação, Práticas e Pesquisa em Educação”. Esse volume ajuda a demonstrar a diversidade de atividades desenvolvidas no nosso país que contribuem para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, fazendo-nos refletir sobre nossas práticas educacionais.

Desejamos uma ótima leitura!

Prof. Mestre Maurício Rizzatti

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
GER: GRUPO DE ESTUDOS EM ROBÓTICA, MULTIPLICANDO CONHECIMENTOS NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE PORTO ALEGRE	
<i>Mara Rosane Noble Tavares</i> <i>Ana Elisabeth Bohm Agostini</i> <i>Luís Arnaldo Rigo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9141903091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
PRÁTICAS EDUCATIVAS SOBRE MEDICAMENTOS, ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NOS MATERIAIS PARADIDÁTICOS	
<i>Maria de Lourdes da Silva (UERJ)</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9141903092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA EM ESCOLAS INDÍGENAS: A APRENDIZAGEM DA ESCRITA EM LÍNGUA KAINGANG NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Maria Christine Berdusco Menezes</i> <i>Maria Simone Jacomini Novak</i> <i>Rosângela Célia Faustino</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9141903093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
EDUCAÇÃO FÍSICA: REPENSANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM TORNO DO ESPORTE	
<i>Hans Gert Rottmann</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9141903094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
E SE A COMPREENSÃO HABITAR AS NOSSAS RESPONSABILIDADES? ESCRITAS SOBRE AUTO-ÉTICA E ESCOLA EM TEMPOS DE CRISE	
<i>Alan Willian de Jesus</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9141903095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
INCLUSÃO: CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
<i>Maria Auxileide da Silva Oliveira</i> <i>José Jailson de Almeida Júnior</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9141903096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
JOGO 2D EVOLUÇÃO DO PLANETA TERRA	
<i>Larissa da Rocha Silva</i> <i>Marcos Vinicius dos Santos Porto</i> <i>Ana Leticia de Oliveira</i> <i>Fagner Maciel de Moraes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9141903097</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
ENSINO DE TEATRO E REINVENÇÕES DA REALIDADE: NOTAS SOBRE EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, DOCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO HUMANO	
<i>Everton Ribeiro</i>	
<i>José Francisco Quaresma Soares da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9141903098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
SALA DE RECUPERAÇÃO INTENSIVA: O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E AS IMPLICAÇÕES DA PRÁTICA AVALIATIVA	
<i>Kelly Cristina Pádua Bruzegueze Miguel</i>	
<i>Evaní Andreatta Amaral Camargo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9141903099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>104</b>
DISCUTINDO O ENSINO DE NÚMEROS COMPLEXOS COM PROFESSORES E ESTUDANTES DE MATEMÁTICA	
<i>Cassiano Scott Puhl</i>	
<i>Isolda Gianni de Lima</i>	
<i>Laurete Zanol Sauer</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>116</b>
UNIVERSIDADE ABERTA Á TERCEIRA IDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Carine Aparecida Souza Bastos</i>	
<i>Fábio Fernandes Flores</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
INFÂNCIA E CIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O BRINCAR	
<i>Elis Beatriz de Lima Falcão</i>	
<i>Lorrana Neves Nobre</i>	
<i>Nayara Santos Firmino</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>138</b>
DESENHO E ESCRITA COMO INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA EXPERIMENTAÇÃO INVESTIGATIVA EM UM CLUBE DE CIÊNCIAS	
<i>Carlos Jose Trindade da Rocha</i>	
<i>João Manoel da Silva Malheiro</i>	
<i>Odete Pacubi Baierl Teixeira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
O ENSINO DE ARTE NO ACRE DESAFIOS E CONQUISTAS	
<i>Jamila Nascimento Pontes</i>	
<i>Rafaela da Silva de Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030914</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>160</b>
A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DA ZONA LESTE DE MANAUS (AM)	
<i>Jaqueline do Espírito Santo Soares dos Santos</i>	
<i>Márcio Silveira Nascimento</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
PRÁTICA DO TRABALHO INTERDISCIPLINAR NA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA NA ESCOLA MUNICIPAL NOVA CANAÃ, JACUNDÁ-PARÁ	
<i>Glaucia de Sousa Moreno</i>	
<i>Fabrício Araújo Costa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
REPOSITÓRIO DE OBJETOS DIGITAIS E A PRÁXIS PEDAGÓGICA COM ALUNOS SURDOS	
<i>Tania Chalhub</i>	
<i>Ricardo Janoario</i>	
<i>Gabriel Oliveira da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>191</b>
O TEMA ÁGUA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM EM CIÊNCIAS	
<i>Priscila Eduarda D. Morhy</i>	
<i>Augusto Fachín Terán</i>	
<i>Ana Paula Melo Fonseca</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
A PRÁXIS DOCENTE E SUA IMPORTÂNCIA NA ELABORAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA MATEMÁTICA DE FORMA INTERDISCIPLINAR	
<i>Teane Frota Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>211</b>
INATECSOCIAL: A ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO EM OUTRA PERSPECTIVA	
<i>Mariana de Oliveira Wayhs</i>	
<i>Enedina Maria Teixeira da Silva</i>	
<i>Fernanda Bertollo Costa</i>	
<i>Diego Eduardo Dill</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030920</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>222</b>
REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE SALA DE AULA INVERTIDA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA INDEXADA AO SCOPUS NOS ANOS DE 2016 E 2017	
<i>Ernane Rosa Martins</i>	
<i>Luís Manuel Borges Gouveia</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030921</b>	

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>232</b>
A PESQUISA SOBRE PRÁTICAS METODOLÓGICAS INOVADORAS: BASE À EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
<i>Maria Aparecida Santana Camargo</i> <i>Rosane Rodrigues Felix</i> <i>Ieda Márcia Donati Linck</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030922</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>241</b>
EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOB A ÓTICA DO ENFERMEIRO	
<i>Halana Batistel Barbosa</i> <i>Marta Angélica Iossi Silva</i> <i>Franciele Foschiera Camboin</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030923</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>248</b>
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O CORPO EM MOVIMENTO	
<i>Débora da Silva Cardoso</i> <i>Elcie Salzano Masini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030924</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>259</b>
AVALIAÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Maria Aparecida Ferreira de Paiva</i> <i>Andréia Maria de Oliveira Teixeira</i> <i>Márcia Regina Corrêa Negrin</i> <i>Andréa Rizzo dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030925</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>271</b>
EDUCAÇÃO ESPECIAL NAS ESCOLAS DO CAMPO EM UM MUNICÍPIO DE MATO GROSSO DO SUL	
<i>Rosa Alessandra Rodrigues Corrêa</i> <i>Andressa Santos Rebelo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030926</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>279</b>
A CRIAÇÃO DE VÍNCULOS À MOBILIZAÇÃO SOCIAL A PARTIR DA PRAXIS COMUNICATIVA E EDUCACIONAL	
<i>Fabiane da Silva Veríssimo</i> <i>Ieda Márcia Donati Linck</i> <i>Rosane Rodrigues Felix</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030927</b>	

<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>291</b>
EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: UM RELATO SOBRE A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA ALUNOS COM PARALISIA CEREBRAL	
<i>João Paulo Vicente da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030928</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>298</b>
A EXPERIMENTAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES QUE ENSINAM CIÊNCIAS	
<i>Antonia Ediele de Freitas Coelho</i>	
<i>João Manoel da Silva Malheiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030929</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>312</b>
A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA AUXILIAR NO DESENVOLVIMENTO DO TEMA “SER HUMANO E SAÚDE”	
<i>Ângela Pereira de Novais Rodrigues</i>	
<i>Lilian Giacomini Cruz</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030930</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>322</b>
FERRAMENTA WEB EDUCACIONAL PARA METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS	
<i>Filipe Costa Batista Boy</i>	
<i>Letícia Silva Garcia</i>	
<i>Luís Fernando Fortes Garcia</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030931</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>333</b>
A DANÇA DAS BORBOLETAS: UMA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE SENTIDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Ana Catharina Urbano Martins de Sousa Bagolan</i>	
<i>Sára Maria Pinheiro Peixoto</i>	
<i>Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030932</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>343</b>
JOGOS DIGITAIS NA ESCOLA REGULAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA DOCENTE	
<i>Kleonara Santos Oliveira</i>	
<i>André Lima Coelho</i>	
<i>Fausta Porto Couto</i>	
<i>Ricardo Franklin de Freitas Mussi</i>	
<i>Naiara do Prado Souza</i>	
<i>Aparecida de Fátima Castro Brito</i>	
<i>Vera Lúcia Rodrigues Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030933</b>	

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>351</b>
A UTILIZAÇÃO DE JOGOS MATEMÁTICOS NA TURMA DO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL CARLOS RAIMUNDO RODRIGUES NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA	
<i>Elizania de Souza Campos</i>	
<i>Sandorlene Oliveira da Cruz</i>	
<i>Maria do Carmo dos Santos Teixeira</i>	
<i>Rute Costa Lima</i>	
<i>Edgar Wallace de Andrade Valente</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030934</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>361</b>
O “JOGO DA DEMOCRACIA”: TRANSFORMANDO A AULA EM UMA EXPERIÊNCIA*	
<i>Ana Carolina Fernandes Gonçalves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030935</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>366</b>
A ABORDAGEM DOS POLIEDROS PLATÔNICOS NOS LIVROS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE SOBRE SUA POTENCIALIDADE SIGNIFICATIVA	
<i>Nádja Dornelas Albuquerque</i>	
<i>Maria Aparecida da Silva Rufino</i>	
<i>José Roberto da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030936</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>377</b>
O ENSINO DA BIOQUÍMICA ATRAVÉS DA COMPOSIÇÃO MUSICAL	
<i>Gabriel Soares Pereira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030937</b>	
<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>382</b>
LEITURA, PESQUISA E ENCENAÇÃO: A LITERATURA DRAMÁTICA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO NA SALA DE AULA	
<i>Almir Tavares da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030938</b>	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>385</b>
A QUÍMICA DA ÁGUA: CASO LAGO DA PERUCABA	
<i>Fabiana dos Santos Silva</i>	
<i>Milka Bruna Santos da Silva</i>	
<i>Wanessa Padilha Barbosa Nunes</i>	
<i>Silvia Helena Cardoso</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030939</b>	
<b>CAPÍTULO 40</b> .....	<b>389</b>
O PEQUENO PRÍNCIPE EM UM PLANETA DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS	
<i>Gabriela Huth</i>	
<i>Elisandra Dambros</i>	
<i>Márcia Rejane Scherer</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030940</b>	

<b>CAPÍTULO 41 .....</b>	<b>393</b>
DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS E O CONSTITUIR-SE PROFESSOR DE MATEMÁTICA	
<i>Renata Camacho Bezerra</i>	
<i>Luciana Del Castanhel Peron</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030941</b>	
<b>CAPÍTULO 42 .....</b>	<b>399</b>
AVALIAÇÃO - FONTE PARA A CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES E IMPACTO NOS RESULTADOS DOS ALUNOS	
<i>Maria Eny Leandro Picozzi</i>	
<i>Ligia Gomes Elliot</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.91419030942</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES.....</b>	<b>412</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>413</b>

## E SE A COMPREENSÃO HABITAR AS NOSSAS RESPONSABILIDADES? ESCRITAS SOBRE AUTO-ÉTICA E ESCOLA EM TEMPOS DE CRISE

**Alan Willian de Jesus**

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Faculdade de Educação

Juiz de Fora – MG

**RESUMO:** A Declaração Universal dos Direitos Humanos aparece como uma afirmação da vida nesses tempos de crise; uma necessidade humana de se organizar em tempos de oscilações da *ética da responsabilidade* (MORIN, 2007). Em meio a um ensaio sobre a igualdade de todos perante a lei e a convivência ética com as diferenças no cotidiano escolar, vemos a responsabilidade com uma categoria a ser analisada, potencializada e experienciada de formas outras na escola, uma vez que as referências éticas nas relações escolares expressadas sob Estado de Direito vem se mostrando sob o guante de uma porosidade, ou mesmo, para os menos otimistas, a falta dela. Neste esteio complexo que são as relações no cotidiano escolar, estes manuscritos sinalizam que “o problema ético central, para cada indivíduo é o da sua barbárie interior” (MORIN, 2007, p. 93) em meio a responsabilidade transitória que nos toca em nosso cotidiano em diversos casos (OGIEN, 1999). Perguntamos que sentidos e significados da noção ética de responsabilidade temos experienciado na escola atual em meio as normalizações, direitos humanos e

a autonomia relativa que estamos imersos? Nossa responsabilidade individual e social se forja na e com a historicidade. Se a escola possui raízes fortes da Modernidade, ela também nos mostra um misto de “improvável, possibilidades criadoras e de uma metamorfose” (VEVERET, 2013, p. 31). Embora nos encontramos em meio um caos (MORIN, 2013), a metamorfose também se faz presente, mostrando que é possível uma noção de responsabilidade mais complexa neste mesmo presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Responsabilidade; Escola; Complexidade; Ética da compreensão.

### WHAT IF THE UNDERSTANDING TO HOST OUR RESPONSIBILITIES? WRITINGS ON SELF-ETHICS AND SCHOOL IN CRISIS TIMES

**ABSTRACT:** The Universal Declaration of Human Rights appears as an affirmation of life in these times of crisis; a human need to organize in times of oscillations of the ethics of responsibility (MORIN, 2007). In the midst of an essay on equality of all before the law and ethical coexistence with differences in school everyday, we see responsibility as a category to be analyzed, potentialized and experienced in other ways in school, since the ethical references in the school relations expressed under the rule of law has been shown under the glove of a porosity, or even, for the less optimistic, the

lack of it. In this complex mainstay of everyday school relations, these manuscripts signal that “the central ethical problem for each individual is that of their inner barbarity” (MORIN, 2007, 93), amid the transient responsibility that touches us in our in several cases (OGIEN, 1999). We ask what meanings and meanings of the ethical notion of responsibility have we experienced in the present school amid the normalizations, human rights and relative autonomy that we are immersed in? Our individual and social responsibility is forged in and with historicity. If the school has strong roots in Modernity, it also shows us a mixture of “improbable, creative possibilities and a metamorphosis” (Vevert, 2013, 31). Although we find ourselves in a chaos (MORIN, 2013), the metamorphosis is also present, showing that a more complex notion of responsibility is possible in the present.

**KEYWORDS:** Responsibility; School; Complexity; Ethics of understanding.

A metamorfose não é provável, apenas possível, e talvez distingamos a possibilidade de escarpá-la.

Edgar Morin

*Somos responsáveis por tudo e por nada.*

Ruwen OGIEN

## 1 | IMPULSOS INQUIETANTES. UMA CRISÁLIDA?

Este ensaio foi produzido primeiramente para uma comunicação para o XI Seminário Anual de Pesquisa em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, cuja temática se desenvolveu sob o tema “Educação, Direitos Humanos e questões contemporâneas”. Na ocasião, discuti algumas dificuldades e contradições que enfrentamos no cotidiano escolar em meio ao ideal da igualdade de todos perante a lei e a convivência ética com as diferenças, onde ao mesmo tempo, vemos-a como um aporte da necessidade de esperança que precisamos experimentar em meio as referências éticas no contexto de um Estado de Direito.

Neste texto, trago num âmbito mais abrangente os afetamentos e potencialidades da responsabilidade a luz do pensamento complexo no esteio das contradições que se estabelecem. De início, este artigo parte de certa curiosidade sobre acontecimentos que podem se constituir na escola em sua performance cotidiana das relações humanas e como noção de responsabilidade que nos passa. Trata-se de pensá-la a partir de uma experiência dotada de sentido, tal como anunciou Larrosa (2014) que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2014, p. 18). “A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem

de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta” (LARROSA, 2014, p. 10). Ouvindo o discurso de alguns sujeitos na escola, percebi e me percebi, num redemoinho complexo de quais os sentidos a responsabilidade toma quando a contextualizamos nas relações estabelecidas na escola. Se de pronto a curiosidade tenha sido o impulso primeiro de minhas problematizações, logo, essa curiosidade se transformou em “espanto” (ARISTÓTELES, 1984).

Antes de adentrar nessas problematizações, com o intuito de colocar em relevo mais os questionamentos e indícios do que aquilo que é; este ensaio, ou melhor, esta *vidaescrita*, procura problematizar a noção de responsabilidade na escola em meio as políticas públicas que afetam os sujeitos nesta instituição. Desta forma, a narrativa aqui em primeira pessoa vai além de uma representação de minha voz e experiência neste texto, mas aparece, sobretudo como uma representação contrária a suposta neutralidade da ciência moderna. Tento escrever com o chão que piso; com as contradições que vivo e sou embevecido; com as vidas entrelaçadas no acontecimento complexo, cuja autonomia e dependência (MORIN, 2003) me levam a questionar como tenho experienciado aquilo que tento compreender como responsabilidade.

Espantei-me com as construções de ser no mundo que estavam em meu contorno. Com a possibilidade real de pensar semelhante aos discursos de alguns sujeitos atores do cotidiano da escola pública, tais como algumas formas discursivas que sucedem:

*Um sujeito Professor de Apoio: – “Não é responsabilidade minha ensinar outros alunos. Não fui contratado para isso!”;*

*Um sujeito Auxiliar de Serviços de Educação Básica: – “A minha responsabilidade é apenas varrer a sala, não olho crianças no recreio!”;*

*Um sujeito Coordenador Pedagógico: – “Minha responsabilidade é articular processos pedagógicos, mas eu assumo também a responsabilidade da disciplina na escola!”;*

*Um sujeito Aluno: – “Porque eu tenho que pegar o papel do chão? Não fui eu que joguei!? A responsabilidade é dele!”;*

*Um sujeito Pai: – “Neste horário vocês são responsáveis pelo meu filho!”;*

*Um sujeito Diretor: – “Do portão pra fora, não temos responsabilidade com o aluno!”*

Apesar dos recortes desses discursos terem me causado certa perplexidade, apesar de eu saber que eles estão envolvidos em um contexto emocional, cultural, ético e político, compreendo também que afastar um pouco do redemoinho desta perplexidade em movimento possa dar justamente uma possibilidade de enxergá-los e problematizá-los, com a conscientização da autoanálise e autocrítica (MORIN, 2007) de uma complexidade dos processos discursivos dos quais não posso me furtar que faço parte. Até onde vai a nossa responsabilidade no espaço escolar público? Como falar de responsabilidade numa conjuntura escolar de tempos de crise? De que

responsabilidades estamos falando?

O termo responsabilidade sugere num primeiro olhar que tanto se pode estabelecê-lo no movimento de si para si, quanto no movimento de si para com o Outro e/ou algo coisa. Mas se posso dizer que este primeiro olhar se manifestou pelo ato da curiosidade, outras lacunas ordinais se manifestaram pelo espanto filosófico: Que sentidos da ética da responsabilidade temos experienciado na escola atual?

Há, pois, uma relação não somente interessante, mas, intrínseca, entre a responsabilidade e Direitos Humanos. Quero dizer, neste exercício de *vidaescrita*, procuro pensar não somente os afetamentos que se estabelecem dentro das noções de responsabilidade daquilo que fazemos e/ou deixamos de fazer na complexidade das contradições do cotidiano escolar, mas de pensar seus possíveis implícitos e sentidos. Se a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) surge como um imperativo para a vida em qualquer parte, na escola, ela aparece em meio ao tentame democrático possibilitando experiências de igualdades e diferenças, onde a problematização da responsabilidade no contexto de tempos de crise aparece de forma apocalíptica (VEVERET, 2013), isto é, tal como nos diz Veveret (2013, p. 33) “o apocalipse não é catástrofe, mas a revelação. Trata-se naturalmente, de um momento de bifurcação crítica que pode comportar aspectos destruidores, mas que também é, fundamentalmente, fonte de renascimento”.

Trago a reflexão da noção de responsabilidade pela dialogia (MORIN, 2003), ou seja, pela via do diálogo daquilo que nos parece verdades contrárias através de uma compreensão complexa. Digamos com Morin (2013, p. 15) que “a compreensão complexa comporta uma terrível dificuldade”. Ao levar em conta as bifurcações, as engrenagens que levam ao pior ou ao melhor, e não raro a ambos, ela enfrenta constantemente o paradoxo da responsabilidade/irresponsabilidade humana”.

## 2 | A RESPONSABILIDADE ESTÁ EM CRISE? UMA LAGARTA?

Somos herdeiros de pensamento fragmentador (MORIN, 2002). Logramos formas de ver, sentir e agir no mundo guiado pelo paradigma cartesiano. O projeto de dominar o ocidente, impulsionado pela ideia de que o homem é senhor de si e da natureza (DESCARTES, 1983), levou Edgar Morin (2002, p. 26) a dizer que “o paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva de outro. Esta dissociação atravessa o universo de um extremo ao outro”.

O ser e o saber, as características e as experiências da ação humana foram pensadas a partir de princípios dissociadores e fragmentadores, cujo pensamento em grande parte, tendia ao positivismo e ao cientificismo, “se manifestando pelo mito de domínio do universo formulado por Descartes, Buffon, Marx..., o mito do progresso, [...] e o mito da felicidade” (MORIN, 2011, p. 22). Não obstante, estabeleceu-se uma

forma de se raciocinar que eclipsou do processo de conhecimento todo elemento considerado perturbador para a racionalidade, como as emoções, os desejos, as paixões, as incertezas. Neste sentido, a sociologia positivista, que se sustentou em partes destes conceitos, procurou fazer uma objetividade sobre a realidade procurou pensar a vida a partir do controle pela racionalidade, na tentativa de arranjos de leituras sociais que fossem precisas; acabando por atrofiar a noção *positiva* (OGIEN, 1999) ou a *ética da responsabilidade* (MORIN, 2007) que se organiza também no âmbito dos elementos que a Modernidade tentou executar.

Em meio às contradições dos discursos que se estabelecem entre sujeitos na escola pública, a lógica do Estado e a lógica econômica atravessam de sobremaneira as produções de sentido sobre a responsabilidade no cotidiano escolar. Pensando econômico conforme Veiga-Neto (2001), isto é, num sentido mais amplo, que aponta tanto um conjunto de saberes que se organizou a partir e em torno do conceito moderno de população - a Economia -, quanto a economia como uma manifestação ou princípio de auto-organização em que com um mínimo de investimentos - de tempo, de recursos, de riscos, de afetos, etc. - obtém-se os melhores resultados no governo das condutas; e Estado, pensando com Díaz (2000), que representa mais um monopólio de uma oligarquia militar, político-burocrático e econômica, sempre mantida por aparatos ideológicos que a tornam pública e a reproduzem por meio de comunicação de massa e na escola.

A Modernidade está em crise (MORIN, 2011). As certezas, as cegueiras dicotômicas, as metanarrativas que carregam uma noção de responsabilidade racionalizadora estão corroídas. As contradições nos saltam com mais vivacidade nesses tempos de crise. Sua porosidade está cada vez mais visível. Morin (2003) já havia nos inculcado sobre o que devemos abandonar e o que precisamos conservar nesta vida e em nosso ser. Vimos construindo uma vida em meio as contradições que nos constitui nas relações humanas. Neste sentido, a lógicas discursivas da noção de responsabilidade no contexto escolar vem se apresentando de sobremaneira racionalizadora e dicotômica, isto é, sob o guante simplista do dualismo responsabilidade x irresponsabilidade, e mesmo, sobressaindo os deveres outorgados pela instituição e/ou pelas políticas públicas junto aos impulsos dos fundamentos da lógica de mercado neste tempo de crise, ou seja, pela lógica do capitalismo cognitivo (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009) onde a multiplicação do capital está muito mais relacionada com a geração de ideias. Essas formas discursivas passam então a não somente a fazer parte dos sujeitos e de uma cultura escolar, como também de ser a própria escola produtora de efeitos e sentidos da noção de responsabilidade, produzindo assim, formas visíveis e/ou veladas discursivas sobre a noção de responsabilidade no movimento da crise escolar, apresentando assim uma espécie de crise da responsabilidade.

Existem, pois, ainda outros elementos importantes que fundam os implícitos das formas discursivas e seus efeitos nas contradições da noção de responsabilidade

no cotidiano escolar. Nesses tempos, cujas lógicas de mercado fundamentadas pela meritocracia, capacitação e fragmentação de tarefas, flexibilização e, ainda, o individualismo em destaque, os implícitos das formas discursivas e seus efeitos nas contradições do cotidiano escolar ganham outros desdobramentos reflexivos. “A inteligência que sabe apenas separar quebra a complexidade do mundo em fragmentos isolados, diminuindo as chances de compreensão e reflexão. Quanto mais avança a crise da responsabilidade, mais avança a incapacidade para pensá-la” (MORIN, 2013, p. 13). Se estamos imersos em um misto de possibilidades, percebemos que o nosso imbricamento individual e social se forja na e com a historicidade de raízes de períodos que vêm se arranjando pelas forças históricas que constituem a noção de responsabilidade que nos logra. Mas se nos darmos conta de que essas forças surgem de um primeiro passo, ou de um pequeno desvio do fluxo daquilo que era posto como a única provável, podemos ter esperança justamente na metamorfose de nossas responsabilidades.

### 3 | POR UMA ÉTICA DA RESPONSABILIDADE NA ESCOLA. METAMORFOSE?

O mundo é aberto às certezas e as incertezas. A escola pública é aberta às certezas e as incertezas; e seu próprio ideal democrático pode dar abertura a construções mais responsáveis que possibilitem questionar movimentos de irresponsabilidades historicamente construídas, emergindo afetamentos éticos para além de formas únicas e/ou dualistas de existir. Indícios para repensar o pensamento cartesiano, pensando na e com as contradições. A escola pública é aberta às incertezas e as incertezas, junto ao possível e as possibilidades impensadas. “Não sabemos o que acontece, e é justamente o que acontece” (ORTEGA *apud* MORIN, 2013, p. 24).

Apesar da noção de responsabilidade dos sujeitos na escola seguirem fluxos conscientes e inconscientes de aparatos do Estado e da ideologia econômica, essa mesma escola apresenta a possibilidade de em meio ao ideal democrático, de construções mais responsáveis que questionem as irresponsabilidades de si para consigo e para com o outro, nos possibilitando afetamentos éticos para além de formas únicas ou dualistas de existir. Digo, repensar a o pensamento cartesiano que nos constitui e pensar na e com as contradições, compreendendo que trazemos em si virtudes e vícios a serem ao menos problematizados. “O ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas” (MORIN, 2002, p. 58). Neste sentido, a democratização da escola - *scholè* (tempo livre) - torna-se ao mesmo tempo o “lugar da visibilidade simbólica da igualdade” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2015) e também de uma ética de responsabilidade.

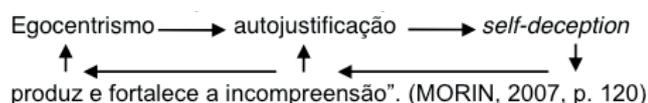
Não se pode falar de responsabilidade se a noção de sujeito é ilusória e se a possibilidade de autonomia do espírito é inconcebível (MORIN, 2007, p. 100). Se a consciência de responsabilidade é característica de um sujeito dotado de autonomia;

a responsabilidade, contudo, necessita ser irrigada pelo sentimento de pertencimento a uma comunidade. Nesses tempos de crise, há a necessidade de uma *ética da responsabilidade*.

Morin (2007) chama a atenção que a ética da responsabilidade se constitui na complexidade. O desafio da ética da responsabilidade é o desafio da complexidade. O termo complexidade precisa ser entendido em seu sentido etimológico – do latim *complexus* –, que significa “aquilo que é tecido junto” (MORIN, 2003b, p. 44). Morin (2003b) ainda nos elucida que o pensamento complexo é um pensamento que busca distinguir (mas não separar) ao mesmo tempo em que busca reunir, contextualizar, globalizar, reconhecer o singular, o individual, o concreto, tratando fundamentalmente da incerteza.

Falamos com Morin (2007) que o indivíduo é irresponsável se o considerarmos como um brinquedo de forças anônimas e obscuras (sociológicas, ideológicas, pulsionais) e responsável se o consideramos como um sujeito dotado de uma relativa autonomia (MORIN, 2007, p. 100). No âmbito de uma noção de sujeito, fala-nos Morin (2007, p. 93) que “o problema ético central, para cada indivíduo é o da sua barbárie interior”.

“Universalmente, tudo o que afirma de maneira autocêntrica (colocando-se no centro do mundo) resiste à compreensão da alteridade: etnia, nação, religião, gangues, indivíduo. Esses obstáculos à compreensão são subjetivos. O circuito



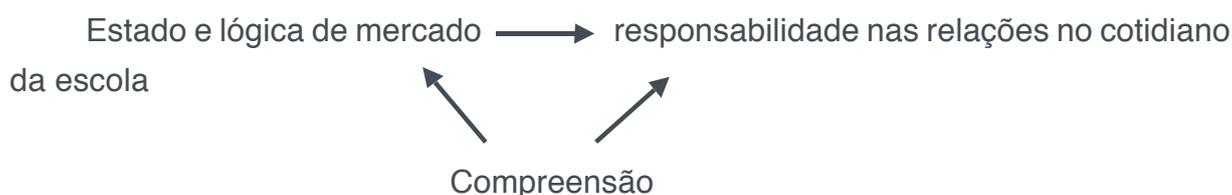
O egocentrismo aparece como fonte de cegueira que produz incompreensões na noção da responsabilidade. A irresponsabilidade aparece tanto marcada pelos impulsos dos *imprintings* culturais ou impressão matricial que estrutura e conforma os pensamentos e ideias (MORIN, 2002) nas relações na complexidade do cotidiano escolar, quanto pela cegueira produzida pela incompreensão, a qual segundo Morin (2007) é oriunda sobretudo de um excesso de racionalização, fragmentação e normalizações que tomam forma e força que estruturam e conformam os pensamentos numa lógica de si para consigo e de si para com o mundo.

Se o Estado de Direito que se constitui nas marcas da Modernidade e pelas lógicas do capital cognitivo; a escola pública constitui em si mesma uma abertura dialógica enquanto fonte de criação, um cuidado de si, e atitudes responsáveis que simbolizam possibilidades de promoção da igualdade e afirmação das diferenças. A escola em meio ao seio de suas contradições, nos mostra um lugar de possíveis experiências democráticas, e de igualdade e de riqueza de encontros, dando abertura a produção de ações responsáveis nas relações que se estabelecem. Neste sentido, a Declaração Universal dos direitos Humanos (DUDH) surge também como um imperativo da vida para que o cotidiano escolar seja uma fonte de criação na dialogia entre a igualdade e as diferenças que fundam as noções de responsabilidades.

A ética da responsabilidade individual e social na escola se forja na e com as contradições da historicidade. Se a escola possui raízes fortes da Modernidade, ela também nos mostra um misto de “improvável, possibilidades criadoras e de uma metamorfose” (VEVERET, 2013, p. 31). “Ao lado da *responsabilidade positiva*, aquela que temos para com o que *fazemos*, podemos admitir a existência de uma *responsabilidade negativa*, aquela que temos para com o que *deixamos de fazer*” (OGIEN, 1999, p. 81). Existe, pois, uma espécie de responsabilidade transitória em meio ao seu gênero que nos toca em nosso cotidiano em diversos casos.

Ogien (1999) anuncia ao gênero da linguagem da responsabilidade as coerências e incoerências que a perpassam, e que temos uma espécie de responsabilidade transitória em meio ao seu gênero que nos toca em nosso cotidiano em diversos casos. Acabamos por sermos responsáveis por tudo e por nada (OGIEN, 1999). No seio das contradições da escola estão as possibilidades de metamorfose. Se por um lado, apresentamos gestos egoístas em contextos múltiplos, podemos também atuar de forma responsável para com o mundo. A crise generalizada ao menos aparenta ficar cada vez mais densa em seu aspecto mais negativo, tornando cada vez mais evidente a fragilidade da noção de responsabilidade positiva individual e social, manifestando-se na incompreensão que os determinismos culturais tomam forma de *imprinting* e de normalizações (MORIN, 2007).

Não podemos ignorar que uma *ética da responsabilidade* na escola pode ser construída cotidianamente. Essa construção envolve pensar para além do referencial egoísta e da lógica Moderna e de mercado para se pensar a vida. Uma responsabilidade construída para além de interesses circunstanciais que nos dê alguma vantagem material ou emocional, ou ainda uma responsabilidade que nos faça sair de nosso comodismo muitas vezes fundamentado no próprio *imprinting*. Problematicada cotidianamente a relação:



Compreender para articular as tensões entre as nossas responsabilidades no cotidiano escolar e os jogos de forças com o meio.

Compreender não significa justificar. A compreensão não desculpa nem acusa. Favorece o juízo intelectual, mas não impede a condenação moral. Não leva à impossibilidade de julgar, mas à necessidade de complexificar o nosso julgamento. Compreender é compreender o porquê e o como se odeia e despreza. Compreender o assassino não significa tolerar o crime que ele comete. Compreender o fanático que é incapaz de nos compreender é compreender as raízes, as formas e as manifestações do fanatismo humano. (MORIN, 2007, p. 121)

Compreender-se com os sujeitos históricos na escola. Problematicar as fragmentações e os binarismos no seio das próprias contradições através da

autoanálise (pensar-se bem) e da autocrítica para descrystalizar o nosso egocentrismo (MORIN, 2007). “O outro é importante para que possamos nos conhecer a nós mesmos, mas não nos dispensa da autoanálise, a qual permite integrar o olhar do outro em nosso esforço de autocompreensão” (MORIN, 2007, p. 94). E a autocrítica, segundo Morin (2007, p. 95):

Trata-se de dar energia a uma consciência autocrítica de controle que possa analisar com a menor descontinuidade possível os nossos comportamentos e pensamentos para neles reconhecer as armadilhas da mentira para si mesmo (*self-deception*) e da autojustificação. A autocrítica é o melhor auxiliar contra a ilusão egocêntrica e em favor da abertura ao outro”.

Um movimento de compreender-se com os sujeitos históricos na escola. Certa ocasião em um cotidiano escolar, na hora do almoço das crianças do ensino fundamental, percebi que uma aluna não queria comer. Insisti para que ela comesse ao menos um pouco, mais não obtive êxito; manteve-se de cabeça baixa, tristonha e em silêncio. Minutos depois, por iniciativa própria, *um* sujeito Auxiliar de Serviços de Educação Básica (ASB) aproximou-se dela, ficando as duas cerca de quinze minutos em diálogo. Eu estava de longe com outros sujeitos atores da escola. Estávamos todos torcendo para que ela comesse ao menos um pouco. Deu-se então o acontecimento. As outras crianças vieram felizes até nós outros, comemorando que a colega havia resolvido comer. A ASB comentou que aquela reação da aluna havia se dado porque sua calça estava rasgada, não queria levantar para que os demais alunos não caçassem dela. A pequenina foi levada ao vestiário pela ASB, que discretamente escondeu o rasgado, retirando seu próprio agasalho para o feito. Ela mesma costurou a calça da aluna com uma linha e agulha que havia levado em sua bolsa naquele dia. Minutos depois, a pequenina estava sorrindo, e apressada, foi almoçar. Todos comiam quando um outro aluno me interpelou: “*Tio! Tio! Tem uma menina chorando ali na outra mesa*”. Fui até a essa outra criança-aluna e perguntei o motivo do choro. E qual não foi o meu espanto quando ouvi não somente dela, mas dos outros ao seu redor: “*É choro de alegria tio, por nossa amiga ter resolvido almoçar!*”

A educação perpassa por uma noção de responsabilidade, onde o ideal de ser para todos se esbarram no mundo onde a autonomia caminha ao lado da dependência (MORIN, 2003). A ética da responsabilidade não se constitui meramente por normas outorgadas ou ideias externas que nos dizem que responsabilidades precisamos ou não exercer. Trata-se de um desafio complexo produzi-la. Ela se forja na consciência ética que despertamos e torna assim a nossa própria forma de existir no mundo. Um sentido de relação que se dá no acontecimento do cotidiano escolar, sempre em construção. Digamos com Arendt (2005) que a educação é assim, o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para salvar da ruína o que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens.

Trata-se de possibilidades esperançosas de reinventar as relações no cotidiano escolar não somente como resistências as ideologias que podem nos possuir, mas também deixar com que os múltiplos egoísmos deem lugar ético da compreensão (MORIN, 2003). Caminhos que encontram na dentro da própria ciência e filosofia que tentou expulsar as incertezas do humano; na articulação e entrelaçamentos dos saberes cotidianos e escolares; no diálogo com entre e além dos muros da escola, no delírio do Outro, na imaginação do Outro, na alegria com Outro, na ética da responsabilidade com o Outro; no individual e no coletivo; enfim, na auto-ética, que digamos com Morin (2007) é antes de tudo, uma ética de si para si que desemboca naturalmente numa ética para o Outro.

Edgar Morin (2013) nos diz que já nos encontramos no início de um caos. O caos pode ser destruidor, pode ser genésico, trata-se, talvez, da última oportunidade no último risco. Mas se trouxermos a metamorfose para esses tempos de crise, pode ser que não seja tardia pensar que há possibilidades de construções de uma ética da responsabilidade no seio do próprio caos. Retomemos, pois, ao espanto com o cotidiano que se pergunta: e se a compreensão habitar as nossas responsabilidades?

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. *In: Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARISTÓTELES. **Metafísica**: Livro I e Livro II. Tradução de Vivenzo Cocco; *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores).

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução J. Guinsburg, Bento Prado Júnior. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 25-71. (Os pensadores).

DÍAZ, Carlos Hernández. Estado [verbete]. *In: VILLA, Mariano Moreno. Dicionário do pensamento contemporâneo*. Tradução Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2000. p. 261-263.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes; João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Nossas crianças não são nossas crianças: ou porque a escolar não é um ambiente de aprendizagem. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 23: nov/2014-abr/2015, p. 282-297.

MORIN, Edgar. Entender o mundo que nos espera. *In: MORIN, Edgar; VEVERET, Patrick. Como viver em tempos de crise?* Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Meus Demônios**. Tradução Leneide Duarte, Clarisse Meireles. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **O método 6: Ética**. Tradução Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?**: Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução Edgar de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

OGIEN, Ruwen. Podemos fugir às nossas responsabilidades? *In*: MARCONDES, Danilo. [revisão]. **Café Philo: as grandes indagações da filosofia**. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para saber. Saber para excluir. **REVISTA PRO-POSIÇÕES**, v. 12. n. 2-3 (35-36). p. 22-31, jul.-nov. 2001. (Dossiê Educação Especial e Políticas Inclusivas).

VEVERET, Patrick. O que faremos com a nossa vida? *In*: MORIN, Edgar; VEVERET, Patrick. **Como viver em tempos de crise?** Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

**Natália Lampert Batista** - Graduada em Geografia (Licenciatura) pelo Centro Universitário Franciscano (2013). Mestre e Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015 e 2019 respectivamente). Tem interesse nas áreas de pesquisa de Ensino de Geografia; Cartografia Escolar; Educação Ambiental; Geotecnologias e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) na Educação; Multiletramentos, Multimodalidade e Contemporaneidade; Formação de Professores; Educação Popular; Cartografia Geral e Temática; Geografia Urbana; Geografia Agrária; e Geografia Cultural.

**Tascieli Feltrin** - Doutoranda em Educação (UFSM). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Gestão Escolar pela UFSM/ UAB (2013). Graduada em Letras licenciatura plena em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e respectivas Literaturas pela Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES/2011). Tutora do Curso de Formação em Letras Português e Literatura pela UAB/UFSM. Professora de língua portuguesa, Servidora pública na rede municipal de educação de Santa Maria. Atuou como Bolsista no projeto Biblioteca Comunitária: Embarque na Onda da Leitura (FAMES 2010-2011), como educadora no projeto de Extensão Práxis Pré-Vestibular Popular da UFSM (2014) e, como Tutora do Curso de Formação de Professores para a Educação Profissional UAB/UFSM (2017-2019). Atualmente, também, desenvolve atividades de incentivo à leitura e escrita criativa através da oficina de criação literária ImaginaMundos. Possui experiência nas seguintes áreas de estudo: Educação Popular, Culturas Periféricas, Educação de Jovens e Adultos, História da Educação, Educação Libertária, Literatura Popular e Multiletramentos, experiências educacionais não-escolares e Formação de professores para atuação em contextos de Vulnerabilidade Social.

**Maurício Rizzatti** - Mestre e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente é Doutorando em Geografia (Passagem Direta para o Doutorado) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo) da UFSM. Também é integrante do Laboratório de Cartografia e grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (UFSM). Pesquisa na área de Cartografia, Geoprocessamento, Cartografia Escolar e a Teoria das Inteligências Múltiplas, Geotecnologias, Sensoriamento Remoto na Educação Básica; Geografia Física, Geografia Urbana e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 9, 1, 27, 35, 73, 75, 76, 80, 104, 114, 160, 191, 197, 248, 250, 251, 252, 256, 258, 278, 296, 302, 303, 307, 309, 310, 322, 323, 325, 326, 327, 328, 330, 331, 332, 350, 351, 365, 366, 368, 376, 410

Aprendizagem escolar 80, 410

Aprendizagem significativa 114, 376

Atividade física 125

Avaliação 5, 6, 27, 30, 38, 95, 138, 149, 150, 210, 259, 270, 365, 387, 399, 403, 405, 406, 410, 411

Avaliação diagnóstica 5

### B

Brincar 127, 137

### C

Cidade 127, 131, 132, 133

Complexidade 52

Currículo 63, 73, 150, 152, 159, 210, 240, 258

### D

Drogas 13, 14, 16, 20, 25, 26

### E

Educação 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 1, 2, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 13, 20, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 60, 61, 62, 63, 69, 72, 73, 74, 81, 83, 93, 94, 98, 103, 104, 106, 110, 114, 120, 121, 124, 127, 136, 137, 138, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 173, 176, 180, 182, 183, 185, 187, 188, 189, 190, 199, 210, 220, 221, 222, 232, 233, 238, 240, 241, 243, 244, 252, 253, 258, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 291, 293, 296, 297, 298, 310, 320, 321, 333, 334, 335, 340, 341, 342, 350, 356, 358, 360, 361, 365, 366, 375, 376, 381, 399, 401, 403, 406, 408, 409, 410, 411

Educação física 120, 296

Educação infantil 137

Ensino 5, 6, 8, 9, 10, 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 26, 28, 29, 32, 35, 38, 47, 50, 75, 81, 82, 83, 95, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 108, 111, 113, 114, 137, 138, 139, 144, 149, 150, 151, 152, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 170, 183, 194, 199, 203, 209, 210, 232, 259, 261, 262, 266, 269, 279, 296, 298, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 320, 321, 322, 335, 341, 342, 350, 352, 366, 368, 376, 377, 378, 381, 382, 385, 389, 390, 394, 398, 399, 400, 411

Escola 7, 9, 2, 3, 9, 11, 20, 28, 52, 87, 152, 155, 159, 160, 161, 164, 166, 171, 173, 175, 182, 199, 201, 216, 312, 320, 351, 353, 362, 376, 385, 386, 387, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410

Esportes 39, 41

Ética da compreensão 52

Experiência 154, 159, 258, 381

## **H**

Hidroginástica 116, 124, 125, 126

## **I**

Inclusão 5, 11, 12, 63, 74, 79, 183, 270, 271, 323

## **J**

Jogo 2D 5, 74

## **N**

Números complexos 114, 115

## **P**

Paradidáticos 19

Pesquisa 2, 5, 10, 6, 9, 53, 75, 114, 150, 170, 175, 199, 221, 232, 243, 272, 279, 290, 321, 350, 358, 381, 394, 398, 409

Práticas pedagógicas 298

## **R**

Responsabilidade 52

Robótica 5, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12

## **T**

Terceira idade 116

## **U**

Unity 74, 76, 77, 80

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-591-4

